

Primeiro Plano



Fomos uma grande alavanca do país. Sempre dissemos que não estávamos condenados.

Alexandre Pinheiro
Pres. honorário da ANIVEC



“Temos um produto de excelência do ponto de vista produtivo e de inovação tecnológica.

Paulo Vaz
Diretor-geral da ATP



Economia Pela primeira vez desde o final dos anos 80 setor gerou emprego em 2014. Foram criados quase três mil postos de trabalho

Indústria têxtil com falta de mão de obra

Joana Amorim
jamorim@jn.pt

► A Indústria Têxtil e do Vestuário (ITV) nacional criou, no ano passado, 2976 novos postos de trabalho, para um total de 126 mil. Quem está no setor garante que tal não acontecia desde, pelo menos, o final da década de 80 do século passado – altura em que a ITV assegurava 30% das nossas exportações e mais de 300 mil postos de trabalho. E só não foram gerados mais empregos, dizem, por falta de mão de obra qualificada. Os sindicatos, por sua vez, falam em salários baixos.

“Durante vários anos criou-se a ideia de que o setor era tradicional e estava a acabar. Hoje, estamos a pagar a fatura disso”, frisa ao IN o presidente do Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário de Portugal (CITEVE). António Amorim revela que um dos problemas do setor é “a falta de quadros médios e indiferenciados” e que, nesse sentido, a escola tecnológica do centro a que preside “tem estado a dar muita formação a empresas que pedem cursos dirigidos e quase todos os que saem conseguem emprego”.

No Modatex, Centro de Formação Profissional da Indústria Têxtil, Vestuário, Confeção e Lanifícios – que criou o programa “Formar para empregar” onde os desempregados contratados, via centros de emprego, recebem formação diretamente nas empresas – a situação repete-se. Em 2014, realizou mais de um milhão de horas de formação e colocou no mercado de trabalho 360 profissionais (ler ao lado). “Temos um índice de empregabilidade da ordem dos 90%. Há muito tempo que não se recrutava recursos humanos com esta dimensão e com níveis salariais muito interessantes”, explica a diretora Sónia Pinto.

Para os representantes dos tra-



Rui Campeão, coordenador de um curso de alfaiate, garante que as empresas precisam é deste tipo de formação

Tradição Perspetivas de empregabilidade do curso anda em torno dos 70%, mas é preciso gostar desta arte

Ofício de alfaiate tem saída

Erika Nunes
erika@jn.pt

► Alfaiate é o artista que cria e executa roupas masculinas sob medida, sendo tradicionalmente uma profissão masculina. Mas, se a tendência se mantiver no curso da Modatex, o brasileiro “alfaiata” pode vir a ser adotado por cá: 10 dos 13 alunos são mulheres e fazem questão de sublinhar que não são costureiras. “O alfaiate também já não é só o que faz o fato à medida de um único cliente, mas também

o que, partindo desse fato, produz moldes para replicação industrial”, elucida o coordenador da formação, Rui Campeão.

A turma é heterogénea, mas foi selecionada criteriosamente: “Procuramos que os alunos tenham habilitações mínimas de 9.º ano, mas estamos a subir o patamar para o 12.º, porque há muita Matemática no curso e, sem bases, torna-se complicado”, explica a diretora do Modatex, Sónia Pinto.

É preciso gostar-se porque mesmo com perspetivas profissionais

prometedoras – a empregabilidade da última formação foi de 71% – o curso é intensivo e exigente. São seis módulos de 300 horas cada e ainda um estágio de 320 horas em atelier ou na indústria. A certeza da obtenção de competências com procura, enquanto o curso tem apoios sociais por parte do IIEFP, atraem cada vez mais interessados, havendo já dezenas de inscrições para a próxima edição.

“Durante a crise e com o desemprego no setor, a imagem das carreiras no têxtil foi muito prejudica-

da, mas já não é nada como se pensa. Há carreiras com salários a começar nos 1500 euros”, aponta Sónia Pinto, que ambiciona, agora, atrair cada vez mais jovens adultos. “Há aqui um futuro, as empresas estão a contratar, mas precisam de pessoal qualificado e é aqui que vêm buscá-los. Em alternativa, vamos às empresas formar consoante as necessidades. Temos licenciados em Design de Moda que vêm fazer cá o curso técnico porque sabem que é o que as empresas precisam”. ●

“O que nos dizem as empresas é que para quadros intermédios há falta de mão-de-obra.”



Domingos Bragança
Pres. Câmara Guimarães

“Empresários resistiram à tentação de abandonar setor. Grande resiliência em Famalicão.”

Paulo Cunha
Pres. Câmara V. N. Famalicão



“Criou-se a ideia de que o setor estava a acabar. Hoje, estamos a pagar a fatura disso.”

António Amorim
Pres. do CITEVE

79%

para exportação

O setor mantém-se predominantemente exportador. E Espanha continua a ser o principal parceiro, ao assumir um terço das exportações nacionais.

balhadores o problema está, precisamente, nos salários. Para Manuel Sousa, do Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes, “a mão de obra está muito barata”. E exemplifica: “Uma costureira especialista, que faz uma peça do princípio ao fim, ganha 505 euros. Feitos os descontos leva para casa 420 a 410 euros, quando o subsídio de desemprego são 419,10 euros”. O sindicalista acredita que “com salários melhores haveria mais trabalhadores”, num setor que, frisa, “está para durar”, considerando ainda positivos os vários programas de formação em curso.

Chamar os jovens

Para além da formação dirigida, há também a necessidade, urgente, de chamar os jovens para a indústria. Alertado pelos empresários do concelho para a falta de quadros intermédios, “porque subiu a fasquia da qualificação”, o presidente da Câmara de Guimarães articulou-se com o Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) com vista ao lançamento de cursos de curta duração (os denominados TeSP, de dois anos). “Em setembro, deveremos ter quatro ou cinco cursos, dois a três dos quais na área têxtil, para que possamos ter estas pessoas que tanta falta fazem à indústria”, revela Domingos Bragança.

Em Vila Nova de Famalicão, onde se encontram duas das maiores unidades da ITV nacional, “mais de 50% dos estudantes estão na vertente profissional, o que permite às empresas terem mão de obra”, destaca o presidente daquela Câ-

mara ao IN. Paulo Cunha, que lamenta o “fim das escolas profissionais”, sublinha, no entanto, que o concelho não tem ainda a mão de obra necessária”.

Respirar de alívio?

É em Famalicão – apesar da “grande diversificação”, está muito “alicerçado no têxtil” – que estão também os polos de investigação e inovação do setor, como sejam o CITEVE e o CeNTI – Centro de Nanotecnologia e Materiais Técnicos, Funcionais e Inteligentes. “Centros de competência [a que acrescem o Modatex e a Seletiva Modal] que foram também a chave de salvação do setor”, reconhece o diretor-geral da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP).

“De um setor tomador de encomendas, temos hoje um setor que vende ao estrangeiro”, reconhece Paulo Vaz. Os números parecem comprová-lo: em 2014, e pelo segundo ano consecutivo, as exportações aumentaram (ler ao lado). Mas ninguém respira de alívio. Ninguém arrisca dizer que o pior já passou.

Porquê? Porque há fatores não controláveis, como a atual paridade euro-dólar e a geopolítica que fez ressuscitar uma economia de maior proximidade (os principais clientes de Portugal estão na Europa). “Daí a ter sustentabilidade há algumas interrogações”, frisa Alexandre Amorim. Se a expectativa, para 2020, é recolocar as exportações nos cinco mil milhões de euros (ver ficha), “se 2015 igualar o ano passado já era muito bom”, conclui o diretor-geral da ATP. ●

flash:



César Ferreira
Delegado Regional do Norte do IEFP

“Qualificações muito baixas”

Como é que um setor que despediu milhares de trabalhadores está, agora, com falta de mão de obra? É um problema recorrente. Temos muitos inscritos deste setor nos centros de emprego e uma grande dificuldade em fazer o ajustamento, porque há um desajustamento entre as competências que tinham e as que as empresas precisam. Os índices de qualificação são muito baixos. Cerca de 70% do total de desempregados inscritos nos centros têm menos do 9.º ano.

O IEFP tem um programa de formação específico para o têxtil.

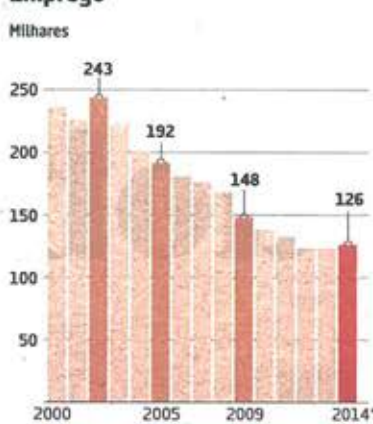
Sim, foi lançado no final de 2012. Ou fazemos a formação completa dentro das empresas ou então nos centros de emprego seguida de formação em contexto de trabalho (estágio). O período de formação dura cerca de oito meses. Temos já muitos pedidos e, inclusive, uma empresa que nasceu com formandos do IEFP.

Qual a taxa de empregabilidade?

Há turmas, de 20 a 25 alunos, contratadas a 100%. E não temos tantas quanto queremos. As que fazem a formação dentro da empresa têm uma empregabilidade muito boa, cerca de 70% no têxtil. J.A.

números : indústria têxtil e do vestuário

Emprego



* Quebra de série em 2004. ** Estimativas

Exportações



Depois do embate, setor está na moda

▶ Olhando para uma série longa, os números são catastróficos, ultrapassando as previsões mais pessimistas. De 2000 até hoje, a indústria têxtil e do vestuário (ITV) viu desaparecer 110 mil postos de trabalho e mais de três mil empresas. O embate com a China, por via da liberalização do comércio, pintou a negro o ano de 2005, com as exportações nacionais a atingirem mínimos históricos. Hoje, a ITV volta a estar na moda.

“O setor está a recuperar, quer o número de vendas quer o de exportações”, garante o diretor-geral da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP), que recorda a entrada da China como “um verdadeiro rolo compressor”. “Era como um jogo de futebol, de 11 contra 200, em que de um lado todas as faltas eram marcadas e, do outro, marcavam golos com a mão e ninguém dizia nada”, exemplifica Paulo Vaz.

Em 2014, e pelo segundo ano consecutivo, as exportações voltaram a subir (+7,8%), para os 4,6 mil milhões de euros (o vestuário de malha assegura quase 40% e Espanha absorve um terço), representando agora 10% das vendas nacionais ao exterior. Aproximam-se assim dos valores de 2004, deixando para trás os impensáveis 3,5 mil milhões registados em 2009, naquele que foi o segundo maior embate do setor, com o rebotar da crise.

Uma reindustrialização feita com uma “mudança de chip”. “As

empresas perceberam que jamais seriam competitivas por via do preço”, diz Paulo Vaz. Foi o fim da produção em extensão e a aposta na incorporação tecnológica, moda e design, serviço ao cliente e internacionalização que salvaram o setor. Opinião corroborada pelo presidente honorário da Associação Nacional das Indústrias de Vestuário e Confeção, que destaca ainda a “resiliência” dos empresários.

Habituada a gerir milhões, a ITV passou a “gerir o cêntimo”, dando-se um processo quase natural de “razia nas empresas menos preparadas em termos de gestão”, destaca o diretor-geral da ATP. E, pelo meio, afirma, por sua vez, Alexandre Pinheiro, “boas empresas e bons trabalhadores ficaram pelo caminho”.

E se os especialistas dizem que 75% dos têxteis estão por inventar, os números parecem comprová-lo. Os têxteis técnicos, com elevada incorporação de tecnologia, foram o único produto a registar crescimentos expressivos (+36% entre 2007 e 2013). Um nicho de mercado com muito por explorar. J.A.

A entrada da China no mercado mundial foi “um verdadeiro rolo compressor”

outros dados :

Todos querem o ouro

● O Plano Estratégico “Têxtil 2020”, lançado pela ATP, traça três cenários. O ouro coloca as exportações nos 5 mil milhões, num setor com 100 mil trabalhadores e cinco mil empresas. O prata, baixa aqueles valores para 3,5 mil milhões, 75 mil pessoas e 3500 unidades. O chumbo, coloca a ITV com 2000 empresas e 50 mil trabalhadores. As exportações seriam inferiores a dois mil milhões.

Vale do Ave. Vários vales...

● O coração da indústria estará sempre, historicamente, no Vale do Ave. Mas a têxtil mudou. E aquela sub-região também. Se no Ave te-

mos as fiações e os tecidos, no Cávado temos a confeção e produção de malha e no Vale do Sousa as confeções de tecido.

2976

As estimativas apontam para que a ITV tenha fechado o ano com 126 439 trabalhadores. São mais 2976 postos de trabalho face ao ano anterior num setor que chegou a empregar 300 mil pessoas.